



A “ESTÉTICA DO LIMITE” EM EUGENIO TRÍAS

THE "AESTHETICS OF THE LIMIT" IN EUGENIO TRÍAS

SAMUEL DIMAS

*CEFH - Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da
Universidade Católica Portuguesa
CEG – Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta*

Recibido: 06/04/2022

Aceptado: 22/06/2022

RESUMEN

La escisión que presenta la "filosofía del límite" de Eugenio Trías nos remite a un movimiento triádico de influencia hegeliana, en el que el hombre aparece como un ser en la frontera (realidad límite) exiliado de su fundamento espiritual. La manifestación del Misterio del Espíritu en la realidad sensible e histórica se realiza a través de la mediación de la razón simbólica de dos maneras: en la configuración estética del mundo, realizada por el arte; en la revelación de lo sagrado, realizada por la religión.

Palabras clave: límite, estética, religión, misterio, símbolo.

RESUMO

A cisão apresentada pela “filosofia do limite” de Eugenio Trías remete-nos para um movimento triádico de influência hegeliana, em que o homem aparece como um ser de fronteira (realidade limítrofe) em exílio do seu fundamento espiritual. A manifestação

do Mistério do Espírito na realidade sensível e histórica realiza-se através da mediação da razão simbólica por duas vias: na configuração estética do mundo, realizada pela arte; na revelação do sagrado, realizada pela religião.

Palavras-chave: limite, estética, religião, mistério, símbolo.

ABSTRACT

The split presented by Eugenio Trías's "philosophy of the limit" leads us to a triadic movement of Hegelian influence, in which man appears as a frontier being (borderline reality) in exile from his spiritual foundation. The manifestation of the Mystery of the Spirit in the sensitive and historical reality takes place through the mediation of symbolic reason in two ways: in the aesthetic configuration of the world, carried out by art; in the revelation of the sacred, carried out by religion.

Keywords: limit, aesthetics, religion, mystery, symbol.

I. O CARÁCTER RACIONAL E IRRACIONAL DA REALIDADE QUE SE MANIFESTA NA CRIAÇÃO FILOSÓFICA DE ORDEM ESTÉTICA, LÓGICA E RELIGIOSA

A reflexão estética do pensador catalão Eugenio Trías¹ pressupõe que a filosofia é um ato de criação (*poesis*), que se fundamenta na emoção prévia da *vertigem* entre o Ser e o nada e na expressão escrita que procura o conhecimento do sentido da realidade. O filósofo é concebido como um compositor e um intérprete dos símbolos do seu tempo, na procura da máxima lucidez e autoesclarecimento crítico, servindo-se, para tal, de um determinado estilo, de

1 Eugenio Trías Sagnier nasceu em Barcelona em 31 de Agosto de 1942. Em 1960 dá início aos seus estudos de Filosofia na Universidade de Barcelona, prosseguindo-os depois em Pamplona, Madrid e Colónia. Em 1964 apresenta a sua tese de licenciatura "Alma y Bien según Platón", o que lhe permite aceder, entre 1965 e 1970, às categorias de professor ajudante e adjunto de Filosofia nas Universidades Central e Autónoma de Barcelona. De 1972 a 1973 passa a sua vida académica entre o Brasil e a Argentina organizando e proferindo em Buenos Aires vários cursos e conferências. Em 1976 é professor de Estética e Composição na Escola Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona onde obtém a categoria de catedrático em 1986. Permanece nessa faculdade até 1992, ano em que é nomeado professor de filosofia na Faculdade de Humanidades da Universidad Pompeu-Fabra de Barcelona, vindo a morrer em 2013. José Manuel Martínez-Pulet, *Variaciones del límite, La filosofía de Eugenio Trías* (Madrid, Editorial Noesis, 2003), 17-22.

uma certa imagética e de um apropriado ritmo ou musicalidade. O carácter simbólico e metafórico dessa criação encerra um excesso que o reenvia para um âmbito que não pode ser reduzido à forma racional semiológica e retórica, nem pode ser tratado através de uma ciência ou de uma técnica interpretativa e metodológica, porque implica uma interceção entre o visível do *phainómenon* e o oculto do *noumenon*².

A razão que está subjacente a este labor conceptual e trans-conceptual, na procura de sentido para as aporias cosmológicas, antropológicas, ontológicas e teológicas, reconhece-se como fronteiriça. De modo distinto da ciência, esta gestação conceptual, mediada pela criação literária, desenvolve-se no limite do encontro com o Mistério e na fronteira daquilo que pode ser expresso e dito. Desse modo, Eugenio Trías concebe uma metafísica que tem por objetivo elevar o discurso ao espaço simbólico do limite em que, de forma estética e religiosa, se manifesta de maneira sensível e sacramental o que está para além da experiência deste mundo: “El símbolo muestra y demuestra el carácter indisoluble de la estética y la religión: todo verdadero arte es religioso, en tanto logra salvar un objeto, un ente, al transfigurarlo simbólicamente mediante su alzado al espacio fronterizo que comunica con el cerco de lo sagrado. Y por lo mismo toda la religión verdadera há de ser sensible, sensual, estética, abierta a la aisthesis, al universo audiovisual de la percepción, y a las dimensiones de habitar y del sentir”³.

II. A REFLEXÃO LÓGICA E CLARIFICADORA DA FILOSOFIA É PRECEDIDA PELA EMOÇÃO ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA

Na linha de autores como Nietzsche, Heidegger, Gadamer, Benjamin, Adorno, Derrida, Deleuze e Lyotard, contra o positivismo e a filosofia analítica, para Eugenio Trías as melhores propostas filosóficas são aquelas em que o labor racional da procura da verdade é antecedido por uma profunda emoção espiritual e estética, no reconhecimento de que a inteligência não é apenas uma faculdade de domínio, mas também uma demanda épica de desafio em torno do Mistério do Ser que nos fundamenta e envolve. A primeira realidade de que nos damos

2 Eugenio Trías, “Pensar la Religión” in *Creaciones filosófica II - Eugenio Trías, Filosofía y Religión* (Barcelona: Círculo de Lectores, 2009), 654. Este signo opõe-se radicalmente a outros da modernidade que conduzem à “ameaça da alienação”, como refere Vicente Llamas. Vicente Llamas Roig, “Sendas rotas: la metafísica como fuga metafórica hacia el ser de fenómeno”, *Cauriensia* 14 (2019): 95

3 Trías, “Pensar la Religión”, 656.

conta é que existe algo e a emoção espiritual que acompanha esse *dado inaugural do começo* ou *existência* é a emoção de *espanto* ou *admiração*. Nós diríamos que é a emoção espiritual da saudade, enquanto sintoma doloroso da nossa vida contingente e enquanto desejo e esperança alegre da plenitude e divinização desta vida. O espanto que eu sinto por viver dá-se nessa tensão entre a *dor* da finitude e a *alegria* desejosa da infinitude, na esperança misteriosa de que a *graça* satisfaça essa expectativa. Nesta perspectiva, o dado inaugural do começo não é algo que se encontre na razão, mas é algo que a antecede e no qual esta desponta. O Mistério não é uma consequência da insuficiência da razão, mas é a origem da própria razão. Esta deriva do espanto e da interrogação originária que o estremecimento misterioso da existência provoca. Em oposição ao racionalismo cartesiano, considera o autor que toda a filosofia que pretende evitar a “abstracção vazia e inane” tem início nesta experiência misteriosa do dado, que é encontrado e não se infere ou deduz da produtividade do pensamento⁴.

A constatação de que se existe produz os sentimentos de *admiração*, *espanto* e *vertigem*, não havendo aparentemente nenhuma causa ontológica que permita dar razão desse simples estar no ser ou sentir-se sendo, que se constitui como uma desnuda existência cujo fundamento se traduz na sensação de falta ou na forma de ausência⁵. Um ser e um existir que se regista como dado empírico inquestionável e que não pode ser localizado nem especificado em mim ou fora de mim, neste ou naquele ente, mas em geral, na mais nítida universalidade⁶. Uma emoção que é anterior às distinções da filosofia em relação à emergência de um objeto perante o sujeito e que é anterior à distinção cartesiana entre “eu mesmo” e as “coisas”. A evidência desta experiência de estar no ser é prévia às perguntas “Quem sou eu?”, “O que é o mundo?” e “como se dá a relação entre o sujeito e o seu mundo?”.

Esta emoção ou paixão inicial de espanto pela evidência do Ser provoca a primeira manifestação da *actividade racional* ou do *logos*, que é a interrogação, e proporciona a interrogação filosófica “Por que é que se está no ser e não no nada?”⁷. Implica que se assuma como um facto empírico irrefutável que se está no ser, realidade que se impõe como dado de partida, ou como dado inaugural de começo de toda a reflexão filosófica, mas que carece de um nítido

4 Eugenio Triás, *La razón fronteriza* (Barcelona: Ediciones Destino S.A., 1999), 32.

5 Triás, *La razón fronteriza* 41-42.

6 Triás, *La razón fronteriza* 260.

7 Eugenio Triás, *Ciudad sobre ciudad* (Barcelona: Ediciones Destino S.A., 2001), 59.

fundamento que permita explicá-lo⁸. Por isso, a sua filosofia da arte é autónoma e irreduzível aos condicionamentos histórico-sociais, tem um carácter metafísico no sentido de conter uma forma privilegiada de conhecimento e uma ação salvífica ou redentora⁹.

A realidade, concebida metaforicamente na região fronteira do limite, participa ao mesmo tempo do racional e do irracional, não se esgotando no projeto racionalista encerrado na imanência do logos, nem no projeto irracional que procura dispersar definitivamente o legado iluminista. Através desta ontologia do limite e da metáfora do horizonte, procura-se uma nova inteligibilidade que não se reduza à conceptualização abstrata e estéril, à intuição ontologista, ou à crença dogmática, mas que inclua a criatividade do discurso metafórico transconceptual e o alcance infinito do dinamismo analógico do real.

III. OS GRANDES HORIZONTES CULTURAIS EM QUE O SER SE MANIFESTA AO HOMEM

O projeto da *filosofia do limite*, que tem por objetivo compreender a nossa condição humana e erguer a cidade ideal que lhe corresponde¹⁰, fundamenta-se, para tal, não apenas na inteligibilidade lógico-analítica, mas também simbólica e emocional, como já verificámos acima¹¹.

No confronto com a experiência da vida, a filosofia possui um duplo ritmo de contração e expansão, entre a unidade da sua ideia primigénia do ser mesmo (*autó to on*) e a recriação e variação na dispersão de âmbitos diversos. Estes, pelos quais a razão acede à realidade determinada, são traduzidos pelo autor através de quatro grandes bairros estruturantes, distintos, mas entrecruzados: 1) o bairro ontológico-epistemológico, descrito em obras como *Filosofia del Límite*, de 1985, e *La razón fronteriza*, de 1999; 2) o bairro ético-prático, apresentado em obras como *Ética, y condición humana*¹², de 2000, que expõe a natureza humana na sua vertente prática e cívico-política; 3) o bairro simbólico-

8 Triás, *La razón fronteriza* (Barcelona, Ediciones Destino S.A., 1999), 261.

9 Gerard Vilar, “La aporía estética: arte, límite y verdad en E. Triás”. *Estudios Filosóficos*, Vol. 64, n.º 185 (2015): 10.

10 Triás, *Ciudad sobre ciudad*, 14.

11 A sua construção filosófica é marcada por três emoções filosóficas fundamentais: o *espanto* ou *admiração*, a *vertigem*, e o *amor-paixão*. Eugenio Triás, *Tratado de la pasión* (Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1988).

12 Eugenio Triás, *Ética y condición humana* (Barcelona: Península, 2003).

religioso, caracterizado por obras como *La edad del espíritu*¹³, de 1994, e *Pensar la religión*, de 1997, que apresentam a correspondência entre o ser de limite, oculto e manifesto, e o logos simbólico, na qual se revela Deus pessoal como simultaneamente transcendente e imanente; 4) o bairro simbólico-artístico, concebido em obras como *Lo bello y lo siniestro*, de 1982, e *Lógica del limite*¹⁴, de 1991, que propõem uma *estética do limite*, em que se dá a íntima relação entre a natureza, a moralidade e a afetividade.

IV. A IDENTIFICAÇÃO DIFERENCIADA ENTRE O SER DA FILOSOFIA E O DEUS DA RELIGIÃO QUE PERMITE A SUPERAÇÃO DA CISÃO ENTRE A TRANSCENDÊNCIA E A IMANÊNCIA

O autor parte do diálogo com as instâncias limítrofes e hermenêuticas de Platão, como as de *éros*, *poiésis*, *anamnésis* e *logos*; de Kant como a de limite do conhecer; de Heidegger como a de limite do mundo; e de Wittgenstein, como a de limite da linguagem. No entanto, procura refundar a compreensão da condição do homem na polis e no mundo através de uma filosofia que descreve de “ideal/realismo” e supera os racionalismos críticos¹⁵. Não podemos esquecer que, ao contrário de Kant e de Wittgenstein a noção de limite significa para Trías, não uma barreira absoluta para o conhecimento, mas sim um lugar fronteiro e liminar que pode transcender-se¹⁶.

Assim, afasta-se do projeto *a priori* e imanente de origem cartesiana e kantiana, que conduzirá ao niilismo de Nietzsche, concebendo uma realidade que se manifesta ou põe na existência pela mediação do território fronteiro em que a razão lógica dialoga com as dimensões extravasantes de si mesma, que, por um lado, lhe resistem e, por outro lado, a fecundam. Nesta dimensão limítrofe, o Ser, enquanto fundamento divino de tudo o que existe, revela-se pela dialética da presença-ausência e da imanência-transcendência, no reconhecimento de que “Ser y Dios son lo mismo en su diferenciabilidad manifesta: ser posee género neutro impersonal; Dios sólo existe como término de la correlación personal yo-tú, nosotros-vosotros”¹⁷.

13 Eugenio Trías, *La edad del espíritu* (Barcelona: Ediciones Destino S. A., 2000).

14 Eugenio Trías, *Lógica del Limite* (Barcelona: Ediciones Destino S. A. Destino, 1991).

15 *Ibid.*, 18.

16 Gerard Vilar, “La aporía estética: arte, limite y verdad en E. Trías”. *Estudios Filosóficos*, Vol. 64, n.º 185 (2015): 12

17 Trías, “Pensar la Religión”, 691.

Em diálogo com a distinção apresentada por Schelling entre o fundamento do ser divino e a sua revelação na existência, o projeto ontoteológico (*onto-teologia*) do filósofo catalão consiste no reconhecimento de uma idade contemporânea do espírito em que se dá a conjugação simbólica (*sim-bólica*) entre o sagrado oculto e o testemunho racional da sua manifestação, entre o ser divino transcendente e inefável e o ser imanente do mundo objetivável. Ou seja, a sua filosofia consiste em suturar a cisão diabólica (*dia-bólica*) que na Idade Moderna legitimou a infinita distância entre o homem e o absoluto divino, pela noção de ser de limite, realidade fronteiriça em que é possível esse encontro, mediado pela razão simbólica ou mistérica, entre o que é presente pelo oculto do mito e o que é testemunhado pela clareza do logos:¹⁸ “El testigo humano es esse limite o frontera divina que permite a Dios salir de su condición de “Dios del abismo y del silencio” y darse a sí mismo forma e idea inteligible, palabra, verbo y presencia”¹⁹.

V. A SUPERAÇÃO DA CISÃO DIABÓLICA ENTRE O MITO E O LOGOS, O NÚMENO E O FENÓMENO, PELA UNIDADE SIMBÓLICA DA RAZÃO MISTÉRICA FRONTEIRIÇA QUE REVELA O CARÁCTER PESSOAL E RELACIONAL DO SER DIVINO

A cisão da dualidade extrema entre o *mithos* e o *logos* é suturada pela unidade da razão simbólica ou da razão mistérica²⁰, porque o símbolo é a forma do logos ou da inteligibilidade que corresponde a esse Ser do limite ou a esse Mistério do Ser. Para o pensador catalão, a clarificação ou revelação da unidade simbólica entre o cerco da manifestação e o cerco do oculto ser em si, entre o espaço do fenómeno e o espaço do numénico ou do mistério do sagrado, dá-se no romantismo alemão de Schelling através dos órgãos gnosiológicos da imaginação transcendental criadora e da intuição intelectual, por meio de relatos religiosos e míticos que se constituem como formas de exegese ou interpretação. O relato mítico teogónico ou cosmogónico é concebido como uma interpretação desses núcleos intuitivo-intelectuais latentes que se objetivavam em símbolos,

18 Triás, “Pensar la Religión”, 677.

19 Triás, “Pensar la Religión”, 685.

20 Samuel Dimas, “Mythos, Logos e Mysterion: três mundividências distintas de o homem configurar a realidade e se abeirar de Deus”, in *Verba Volant? Oralidade Escrita e memória* (Braga: Axioma, Publicações da Faculdade de Filosofia, 2018), pp. 247-261.

ou seja, é concebido como manifestação através da qual o logos simbólico do ser se torna patente²¹.

Mas considera Eugenio Trías que esta posição é uma exceção na Modernidade, para quem o símbolo perde esta dimensão sagrada e ontológica e fica reduzido a signo ou metáfora, pelo que propõe um retorno à visão anterior, no reconhecimento de que o símbolo abre a história à eternidade e remete para uma instância que não está limitada ao curso e discurso do fluir existencial do mundo, tudo excedendo na sua infinitude: “(...) interrompe esse fluir temporal e histórico al abrir el signo, el trazo y la metáfora a un ámbito que desborda y excede los límites de lo que constituye el cerco en el cual aparece lo que, a través del lenguaje y de la escritura, llega a ser figurado e configurado”²². Através da noção de “razão simbólica”, o pensador catalão desenvolve uma filosofia que procura superar a cisão moderna fideísta, de origem kantiana, entre filosofia e religião, reunindo o conhecido e o desconhecido. Ao contrário da separação diabólica da tradição maniqueísta, o símbolo da sua metafísica estético-mística une e separa, ao mesmo tempo a evidência da realidade fenoménica e o mistério da realidade sagrada²³.

Concordamos com o filósofo catalão de que a unidade simbólica sensível, estética e religiosa no cerco do limite ou do território fronteiro, dessa condição de trans-objetividade ou de trans-predicação, remete para o cerco hermético e transcendente do sagrado inominado, não no sentido de fuga gnóstica do sensível, mas no sentido de plenificação e espiritual encontro com o divino. Concordamos que esta razão simbólica é síntese do logos e da paixão, é síntese do cerco do aparecer e do cerco hermético, que não significa a indiferenciação hegeliana no *Absolutus*, mas significa uma misteriosa unidade diferenciada que tende para a plena Comunhão.

Por isso consideramos que a clarificação desta unidade simbólica entre o sagrado divino e a sua manifestação existencial não se dá através dos relatos religiosos da razão mítica, como defendia Schelling, porque encerram uma indiferenciação que não preserva o carácter dialógico e pessoal da relação entre o Criador e as suas criaturas, mas dá-se através do discurso religioso e estético que constitui a metafísica desenvolvida pela razão mística. A experiência atemática e dialógica do Mistério transcendente e imanente, realizada na vivência indubitável e dramática de existir, através do sentimento da saudade e

21 Trías, “Pensar la Religión”, 654.

22 Trías, “Pensar la Religión”, 656.

23 Vilarroig Martín, *De la filosofía del límite al hombre como habitante de la frontera*, 136.

do estremecimento admirado de viver, oculta-se no discurso pré-predicativo e noturno da razão mítica e oculta-se no discurso predicativo e meridiano da razão lógica, mas manifesta-se no discurso crepuscular transpredicativo e simbólico da razão que denominamos de misteriosa e Trías denomina de simbólica e fronteira: “(...) el símbolo se da a la revelación en la inteligència y en la sensibilidad, pero remiete siempre, en última instancia, al misterio que esse límite mayor preserva”²⁴.

VI. A DIMENSÃO NEUTRA E IMPESSOAL DO SER E A DIMENSÃO DIALÓGICA E PESSOAL DE DEUS

Creemos que também o filósofo catalão se afasta da posição monista de tendência panteísta, ou pelo menos panteísta, de Schelling, pois introduz uma distinção entre o Ser e Deus que remete para o carácter pessoal e dialógico da sua relação com o mundo. No seu entender, a noção de Deus acrescenta à noção de Ser esse carácter relacional de alteridade que o institui, não como o Oculto e abstrato indeterminado de Plotino ou como o *Absolutus* de Hegel, mas como o Mistério pessoal de Santo Agostinho acessível à inteligência humana de forma analógica e simbólica, porque excede a sua manifestação na existência histórica e cultural e excede a sua revelação na palavra: “Esse Dios del limite posee carácter positivo: excede y desborda el concepto que de él podamos formar”²⁵. O Deus da religião judaico-cristã acrescenta à ideia abstrata do Ser grego a realidade amorosa e relacional da vida existencial: “El dios aristotélico, que ni se digna moverse ni amar en relación com los que lo desean y se mueven hacia él (por atracción), lo mismo que los perezosos dioses epicúreos, abundaron en esa idealidad que es pre-pictórica”²⁶.

Enquanto o Ser ou o Absoluto assume uma forma neutra e impessoal, como acontece no Ocidente de Parménides e de Heraclito e no Oriente dos Upanishad e do nirvana budista, o Deus da tradição profética de Ahura Mazda, Yaveh, Alá e Cristo, assume uma forma pessoal e dialógica que se centra na relação de um eu com um tu. Ora, o ser de limite que Eugenio Trías apresenta na sua metafísica, que propõe um nexo de necessidade entre filosofia e religião, identifica-se com este Deus de limite pessoal, que para se apresentar e manifestar convoca a presença de um testemunho humano: “El Dios de limite sólo es imaginable en

24 Trías, “Pensar la Religión”, 690.

25 Trías, “Pensar la Religión”, 681-682.

26 Trías, “Pensar la Religión”, 300.

correlación al hombre. Éste le pregunta o le responde, le implora o le da gracias, le pide perdón o le ofrece plegarias y sacrificios”²⁷.

VII. A ONTOLOGIA DO *SER DO LIMITE* E A ANTROPOLOGIA DA *RAZÃO FRONTEIRIÇA* EM QUE DEUS SE REVELA NA FORMA DE AUSÊNCIA E SILÊNCIO

Assim, Eugenio Trías propõe uma reflexão antropológica e ontológica na qual se concebe o homem como habitante de fronteira e concebe a razão fronteira como o instrumento humano para desvelar o sentido da existência e da realidade, ao mesmo tempo cindida e unida, que o precede. Se o carácter instrumental e técnico-científico da razão é útil para transformar o mundo, só a razão poética e vivente e a intuição intelectual podem aceder às regiões enigmáticas e misteriosas do sagrado que se manifestam na experiência religiosa e estética²⁸. É recuperada a noção de beleza como forma de aceder à compreensão do mistério sagrado²⁹.

O Ser divino, que transcende toda a manifestação religiosa e toda a determinação racional e alegórica, revela-se, paradoxalmente no testemunho humano, como invisível e inominado, como Deus do silêncio que se comunica através dele e como Deus da luz que se comunica em trevas e obscuridade³⁰. Este Deus do limite, que se identifica com a filosofia do ser de limite, é Mistério que se manifesta como unidade pessoal transcendente e imanente, e que, por isso, exige testemunhos místéricos desse encontro, exige reflexões ontoteológicas sobre a sua misteriosa ação criadora e relação providencial, não se satisfazendo com relatos míticos que interpretem a sua natureza ou ideia abstrata: “En la identidad dialéctica del ser del limite y del Dios del limite hallan filosofía e religión su nexo de necesidad. Ambas se refieren a lo mesmo: una en el modo neutro y apofántico de ser de limite, la otra en la forma de una relación personal del hombre, o sujeto fronterizo, con su Dios”³¹.

Também na estética da idade contemporânea, que o autor designa ser a idade do espírito após o racionalismo ilustrado da modernidade, se torna possível esta consumação simbólica que remete para o mistério e institui a harmonia entre a razão e a emoção. A arquitetura deve abandonar a sua obsessão

27 Trías, “Pensar la Religión”, 684.

28 Trías, *La razón fronteriza*, 330.

29 Vilarroig Martín, *De la filosofía del límite al hombre como habitante de la frontera*, 140.

30 Trías, “Pensar la Religión”, 694.

31 Trías, “Pensar la Religión”, 684.

pela forma e pela função ou utilidade e abrir-se à figuração simbólica, através da qual se pode manifestar na ordem do sensível a realidade numérica e misteriosa do sagrado ou do ser divino³², naquilo que o autor define como uma interceção entre a arte, a religião e a metafísica. Como vimos anteriormente, em diálogo com Kant e com Schelling, considera Eugenio Trías que o símbolo, específico da arte e da religião, é o lugar lógico de manifestação do ser em si, que é um ser de limite: “(...) lugar estético por excelência en donde las dicotomias de la naturaleza y de la orden moral, o del mundo emocional y el mundo racional, podrían hallar su articulación de significación y sentido”³³.

Esta noção do ser de limite, e da razão fronteira em que se diz, é recolhida pelo autor da imagem proporcionada pela estratégia militar do Império Romano. Mais concretamente, da ideia de sector fronteiro do exército romano que acampava no limite do território imperial e aí se dedicava à sua defesa e cultivo, num duplo trabalho militar e agrícola que encerrava uma constante precariedade e mudança. Além desse território havia o espaço imenso da constante ameaça dos bárbaros, que se sentiam atraídos por essa franja de terra habitada e cultivada, que lhes abria o acesso à civilização. Por outro lado, o centro do poder do Império, do lado de cá, também temia a oposição de algum general vitorioso e habitante desse território que, com esse poder, procurasse investir-se da condição de imperador. *Para cá* ficava o mundo da razão, do direito, da linguagem e da cultura e *para lá* o mundo sem-razão e sem lei de trevas e obscuridade.

Assim, esse território limítrofe participava ao mesmo tempo do racional e do irracional, do civilizado e do selvagem, num espaço de mediação e conflito. A metáfora do limite tem, pois, o objetivo de caracterizar uma investigação filosófica que se situa no esgotamento da forma de pensar moderna, procurando evitar, por um lado, o projeto racionalista e iluminista encerrado na imanência do logos e, por outro lado, o projeto irracionalista do idealismo romântico: “A través de esta lógica u ontología del limite se pretende abrir el espacio de reflexión ajustado a una condición histórica nueva, distinta de la condición moderna y posmoderna”³⁴.

A novidade desta proposta consiste no facto de o ser passar a ser pensado como limite ou fronteira e como território que é habitado e cultivado, numa significação mais radical que a simples ocupação de um espaço abstrato. O ser

32 Trías, “Pensar la Religión”, 650.

33 Trías, “Pensar la Religión”, 653-654.

34 Eugenio Trías, “Lógica del limite”, in *Creaciones filosófica I - Eugenio Trías, Ética y Estética* (Barcelona, Círculo de Lectores: 2009), 213

de limite impõe limites à razão e é no símbolo que se descobre um possível acesso analógico à realidade misteriosa que o excede³⁵. Nesse intervalo limítrofe entre o nosso mundo conhecido e o mundo misterioso, a inteligência humana provê-se de símbolos para ultrapassar, embora precariamente, esse limite, e para expor analógica e indiretamente o que o transcende.

Como ilustra o autor, as provas da existência de Deus de S. Tomás de Aquino são específicas deste ser fronteiroço que não é o ser meramente lógico da ordem categorial, mas que se considera de forma *sym-bálica* no modo da analogia. Os símbolos da configuração estética e religiosa do real, que é tecida pela *razão misterica* e fronteiroça, expressam em figuras do nosso mundo (metafóricas, metonímicas) o que nos excede e transborda e se encontra além do limite. No discurso simbólico da razão fronteiroça, que produz sentido e significação, conota-se o Mistério do Mundo invisível e transcendente.

Assim, a argumentação tomista situa-se no espaço intermédio e fronteiroço, no qual o divino se torna ato de apresentação através de símbolos que permitem deduzir a sua realidade. Esse espaço é hermenêutico, na medida em que comunica com a região do aparecer e propõe vias de acesso deste mundo existente para o mundo invisível, deduzindo a partir da realidade terrena, por analogia, a realidade divina. Por via da *razão analógica* ou *fronteiroça* podemos inferir de certos *fenómenos* do nosso mundo, como o movimento, a contingência, a ordem cósmica e os vestígios de bondade e de beleza, a realidade e existência *noumenal* do ser de Deus³⁶.

VIII. O LOGOS MATRICIAL E FRONTEIROÇO DA MÚSICA E DA ARQUITECTURA COMO PRESSUPOSTO DO LOGOS APOFÂNTICO DAS ARTES LITERÁRIAS

A estética do limite procura recriar um velho projeto de conceber uma gênese lógica ou ideal das artes que dão forma ao âmbito sensível, procurando especificar o que têm de próprio e de comum. O objetivo de eugenio Trías nesta obra *De Lógica del límite* não é apenas abordar os conceitos de mimesis, criação, beleza, expressão ou símbolo, mas sim desenvolver uma lógica das formas sensíveis que dão sentido através das formas artísticas e estabelecer uma classificação e divisão das artes no contexto da sua estrutura ontológica. A arte é definida como um modo de produção (*poiein*) que procura manifestar o que

35 Trías, *Ciudad sobre ciudad*, 36.

36 Trías, *La edad del espíritu*, 270.

fica subtraído a toda a revelação e nesse paradoxo constitui as suas formas. Entre o que se pode revelar e o que permanece oculto, resplandece o limite em que a arte tem a sua raiz vital, pelo que só uma exposição simbólica pode dar forma lógica a esse substrato que é aqui descrito como cerco hermético ou oculto³⁷.

A análise dos conceitos estéticos decorre da identificação fenomenológica das práticas específicas de cada uma das artes e, é nesse âmbito, que Eugenio Triás estabelece a distinção entre as formas do *belo* que se apresentam como ideais (no céu estrelado do limite) da produção artística desencadeada pela erótica, e as formas do sinistro e monstruoso, que comparecem no mundo quando se pretende tornar absolutamente revelado o que está para além do limite: ao tornar-se patente o infinito revela-se como desmedido, colossal e sinistro. Entre o belo e o sinistro fica o sublime, que ainda se mantém dentro do limite mas apontando sempre para mais além do universo das formas belas³⁸. Em diálogo com Schelling na crítica à estética do sublime de Kant, o pensador catalão considera que a vontade de absoluta revelação ou superação de todo o limite e do logos figurativo-simbólico, que pretende tornar patente o que deve permanecer oculto e procura reduzir a enigma o que é mistério, é uma das características do espírito moderno e do seu movimento de secularização³⁹.

A cada um destes mundos ou cercos, em que o Ser se revela, corresponde um tipo de arte diferente e no caso do território fronteiro às artes que manifestam esse mundo são a Música e a Arquitetura. A partir dele, tornam possível que se desvele como é, no sentido de poder ser habitado. Ao contrário das artes iconico-figurativas, que usam signos linguísticos ou imagens, estas artes são abstratas e assemânticas, instalando-se de imediato no meio-ambiente, naquilo que o autor denomina de algo prévio ao que se pode chamar de mundo. Antes de produzir significação, o logos produz formas sensíveis que dão sentido ou cultivam o mundo ambiente que antecede essa configuração de significados. As formas artísticas produzem emoções e o *eros*, que se encaminha para o belo, desperta determinado simbolismo sem horizonte explícito de significação. Assim, estas artes fronteiriças e hermenêuticas, como a Arquitetura e a Música, preservam o carácter simbólico associado à manifestação daquilo que não se pode manifestar. Mas há outras artes que procuram clarificar a obscuridade inerente ao simbólico, através da produção de imagens-íconos, como a pintura, ou através da conversão do símbolo em signo linguístico, como as artes

37 Triás, “Lógica del límite”, 268.

38 Triás, “Lógica del límite”, 262.

39 Triás, “Lógica del límite”, 270.

literárias, que o autor denomina de artes apofânticas que se instalam no ambiente enformado ou preparado pelas artes fronteiriças⁴⁰.

A música, que tem a sua racionalidade mimética no canto dos pássaros, dá forma ao ambiente material do território limitrofe, tornando possível a experiência do movimento e do tempo, e constituindo-se como a condição prévia que permite a palavra. A arquitetura, que tem a sua última racionalidade mimética nas escavações dos roedores e nas construções subterrâneas das formigas, dá forma ao ambiente que se desenvolve como espaço. A arquitetura, na sua forma pragmática de ação produtiva, prepara o habitat para a figuração icônica da pintura e da escultura, enquanto a música faz o mesmo para as artes da linguagem e do conceito:⁴¹ “Las artes de la frontera domestican y civilizan lo salvaje, amansan el fuego hasta convertirlo en corazón de la casa, o en hogar; controlan y dominan el aire, dando orientación y sentido ao fluxo sonoro que en él circula y se expansiona (...) desvelando una dimensión de logos o de lo lógico prévia a la comparecencia del *logos* manifestativo (apofântico) que se da figura en la imagen-icóno o en el signo”⁴².

Se a música se concebe num sentido de movimento, a partir do modelo metafórico fluvial que a descreve, a arquitetura é imaginada no sentido estático, a partir do modelo terreno de espaço e repouso. Uma e outra situam-se na fronteira entre natureza e cultura, matéria e forma, ou entre o pré-linguístico e o logos, dando forma espacial e temporal ao ambiente do mundo circundante em que se aposenta o homem que o habita: “Tanto el espacio sonoro, en su fluir temporal, como el habitar urbano-arquitectónico actúan de modo *sub limine* en relación com la conciencia y voluntad del fronterizo. (...) Música y arquitectura se revelan emparentadas en su mismo carácter arqueológico. Son arcaicas en sentido lógico. Son matriciales”⁴³.

Em diálogo com a imagem de Freud utilizada para caracterizar a região fronteiriça dos sonhos entre o inconsciente e o consciente, Eugenio Trías afirma que a arquitetura e a música se instalam de foma imediata nessa fronteira pré-consciente da relação entre corpo e território, em diálogo hermenêutico com o inconsciente e o seu obscuro simbolismo. Toda a construção arquitetônica artística encerra essa ressonância simbólica no mundo erótico e emocional, conduzindo, pela sugestão e alusão, a um inconsciente arcaico e limite indefinido, quer nas formas que elevam ao céu, quer naqueles que conotam a

40 Trías, “Lógica del límite”, 268.

41 Trías, “Lógica del límite”, 220.

42 Trías, “Lógica del límite”, 270.

43 Trías, “Lógica del límite”, 223.

comunicação com o reino dos mortos ⁴⁴. A música orienta o andar despreocupado do quotidiano para os mistérios radicais do existir nos ritmos intensos do amor e da morte: “La música afecta radicalmente los ritmos corporales y se inspira en ellos”⁴⁵.

A música e a arquitectura desvelam na sua condição fronteira e simbólica dos limites do mundo que são os limites da linguagem, como refere Wittgenstein, um logos anterior ao logos capaz de designar e declarar que estabelece a configuração apofântica do mundo centrada nas afirmações negativas ou positivas e nos enunciados verdadeiros e falsos. Dão forma ao mundo, convertendo o ruído em som musical e o território em habitaat: a casa, o templo, a rua, a praça e a cidade tornam possível o movimento e a ocupação do tempo. Esboçam os desenhos dos corpos e das almas, determinando as suas posturas e gestos. Essa forma é elevada ao nível artístico, enquanto sugere obscuras referências de quase-significação que exige e elaboração de formas simbólicas, pois tende para o limite que revela e esconde a realidade inacessível e oculta do belo em si e do sublime em si que pertence ao mundo hermético da “coisa em si”.

IX. O LOGOS DAS ARTES APOFÂNTICAS, QUE TEM POR OBJETIVO A EXPLICITAÇÃO E CLARIFICAÇÃO DA EXPERIÊNCIA EMOCIONAL ATEMÁTICA DA MANIFESTAÇÃO EXISTENCIAL DO SER

Trata-se de um logos matemático-sensível que determina a ideia como número, produzindo desenhos e esboços de figuras e formas, de modo prévio à determinação da coisa ou da substância apropriada através do nome ou do verbo segundo o *organon* de Aristóteles. O meio ambiente é preparado para ser habitado pelo habitante desse limite do mundo que, com o recurso ao olhar e à capacidade de nomear, vai dizer e significar através de denominações e designações verbais o que o mundo é: “Las artes de tendencia apofántica tiendem a clarificar esse remanente oscuro, indecible e indicidible en que se instalan las artes fronterizas: propenden a mostrar lo que las artes fronterizas tienden sustraer”⁴⁶.

É o que acontece com a pintura, que tende para a elaboração de figuras, e com a literatura com o recurso às figuras linguísticas. Com a pintura se celebra

44 Triás, “Lógica del límite”, 226.

45 Triás, “Lógica del límite”, 229.

46 Triás, “Lógica del límite”, 323.

a gênese do sujeito enquanto consciente da alteridade e se dá início à revelação de sentido: a imagem como centelha de sentido arrancada do mistério. Na tradição judaico-cristã da pintura, Deus revela-se, instituindo-se o culto das imagens que se apresentam a partir do rosto divino manifestado.

Na condição de habitável, o mundo mostra-se e dá-se como mundo, pondo as bases do dizer enunciativo e significativo (*pensar-decir*). Antes de se dizer, oferece-se como imagem e como rosto, tal como antes da especulação das religiões sobre o nome de Yaveh temos a proliferação politeísta do mundo icónico: “El politeísmo del imaginario se adelanta siempre al monoteísmo apofántico del logos que, una vez lleno el mundo de imágenes y figuras, o de miradas disueltas en la atmósfera, puede disponerse a significarlo”⁴⁷.

No território poético e fronteiriço, o signo é remetido ao símbolo em que o cerco do mistério e do silêncio, fechado em si mesmo, se vai abrindo à palavra e à significação⁴⁸. A filosofia é uma das artes literárias que procura o sentido das coisas que é sempre instável, porque a realidade resiste a qualquer apropriação cognoscitiva, seja ela sensível através da criação artística, seja ela inteligível por via do conhecimento racional e do pensamento discursivo (*pensar-decir*) que se desenvolve como diálogo. O *logos* manifestação e declaração, que se traduz em soluções silogísticas, é precedido de forma radical pelo *logos* medida e proporção, de carácter pré-apofántico que se abre a uma expansão indefinida de formas abertas ao simbólico, e no qual se desenvolveram os conceitos estéticos da tradição clássica em que a beleza é associada à justiça, bondade e verdade: “Lo transcendental es categorizado mediante esta ecuación de *logos* como armonia y simetria, como acorde y *conmodulatio*, como razón proporcional que integra y resuelve lo disonante y disimétrico, o el número irracional, en el modo de una resolución potencial de carácter abierto y dinámico”⁴⁹.

Esta ordem de proporção proposta por Platão, sem a qual não pode haver comunicação entre emissor e receptor e a comunicação sensível da mensagem arquitetónica e musical, é um modelo racional prévio ao *logos* apofántico aristotélico que dá nome às coisas e diz o que elas são através dessa nomeação. Os desenhos arquitetónicos e musicais que se produzem no ar e no espaço são anteriores a toda denominação, mas também eles dão sentido às coisas encerradas em si mesmas, pela abertura ao simbólico que esses desenhos geram:

47 Trias, “Lógica del límite”, 295.

48 Héctor Sevilla Godénez, “Fronteras, lógica, cercos y arte. Hacia una ética-estética del límite y la tragedia en Trias y Lukács”. *Estudio*, n.º 19 (julio-diciembre 2014): 106.

49 Trias, “Lógica del límite”, 313.

“Esa apertura sólo es artística si mantiene el carácter indeterminado, oscuro y enigmático de lo simbólico”⁵⁰.

As artes apofânticas avançam desde esse marco simbólico relacional até ao pórtico ou limite da coisa, mas permanecem nessa aura que a cerca, porque esta oculta-se sempre que a razão perde o sentido do limite, isto é, sempre que procura aceder ao Ser, como se este fosse simplesmente enigmático e decifrável através da predicação lógica, e não, no reconhecimento do seu Mistério que só a transpredicação simbólica, analógica e metafórica pode enunciar por meio da imagem e do nome. A ação do discurso dialético da designação (logos) não é possível sem a ação das artes fronteiriças que antecipadamente preparam o habitat espacial e sonoro para a posse visual de concpetual do mundo: “La cosa es impenetrable pero se deja mostrar como piel, como pellejo, como aura. Y lo que esse pellejo desvela es, ciertamente, un rostro. Un rostro que, en el límite, se abre al mundo en forma de una posesión que es visual, al modo de rostro habitado por unos ojos”⁵¹.

As artes do signo, como a filosofia, dão forma ao que acontece, pela produção do pensamento e do dizer significativo que emerge do ambiente disposto pelas artes da edificação do espaço e do ar. A aproximação à verdade não é possível se a razão se situar fora do drama em que ela mesma se desenvolve no espaço dos habitantes de fronteira e se não reconhecer que entre a coisa em si e a designação que a diz há um limite misterioso, de ordem ontológica e linguística em que o ser se manifesta: “Por conseguinte, el lenguaje traza una barra, un signo de demarcación (/) entre la palabra y la cosa, entre el nombre y aquello que éste refiere ou significa”⁵².

As artes literárias procuram mostrar e clarificar, no cerco do aparecer através da imagem e do signo, o que as artes fronteiriças tendem a ocultar pelo símbolo no limite do cerco do mistério e do oculto. Mas apenas poderão dizer alguma coisa desse oculto, se ascenderem ao limite. Na luz crepuscular do cerco mediador de fronteira entre estes horizontes extremos da luz do racionalismo cientificista e da escuridão do irracionalismo fideísta, as artes literárias podem comunicar ambigualmente com o cerco hermético, transmitindo à condição da existência mortal as verdades da condição imortal divina. Numa alusão ao tempo kairológico do *aedo* grego e do *profeta* judaico-cristão e invocando o diálogo socrático *Ion*, Eugenio Trías diz que só no espaço simbólico e froteiriço da

50 Trías, “Lógica del límite”, 315.

51 Trías, “Lógica del límite”, 315.

52 Trías, “Lógica del límite”, 319.

racionalidade hermenêutica é possível comunicar com o Mistério do Ser em si: “Todos formam una única escena dentro del mundo, pero el conjunto se halla referido al límite y a la frontera, que es el espacio hermenêutico, o el servicio de correo de doble dirección entre mortales e inmortales”⁵³.

X. A RELAÇÃO ASSIMPTÓTICA DO PENSAR FILOSÓFICO COM O SER INDIZÍVEL E INEFÁVEL

Para Eugenio Trías, o tempo kairológico dessa condição fronteira, entre a eternidade do mundo divino e o tempo cronológico do mundo humano, traduz-se como tempo mítico que remete para um tempo de plenitude e para um lugar indeterminado, isto é, para um futuro perfeito. As artes apofânticas podem-se instalar nesse mundo, permitindo que se desenvolva a relação entre o habitante e o seu mundo, através da imagem ou da palavra, na relação com o limite. Mas, através da lógica do limite, as artes literárias não reduzem o seu labor à proposição silogística aristotélica que oculta o Ser em si, mas procuram retroceder da declaração proposicional e enunciativa do *logos* a usos fronteiros que esta pressupõe, os quais procedem do limite mesmo do *logos* e se revelam de forma simbólica nas práticas arquitetónicas, musicais, pictóricas: “Se retrocede del signo que sutituye a la cosa hasta la *facies* que muestra ante los ojos una figura icónica que mira. Y se retrocede de esse icono que ofrece el rostro y la mirada de la cosa al juego de formas (espaciales o temporales) que designan ésta de modo indireto, enigmático y simbólico”⁵⁴.

Porque só o símbolo sabe dizer o indizível ou explicar a radical inadequação entre o signo e a coisa significada⁵⁵, a filosofia não pode dizer o Ser se não retroceder do seu *logos* analítico e argumentativo para um *logos* simbólico e mistérico, o que não pode acontecer se não ascender do discurso de objetividade científica da visibilidade do mundo para o discurso simbólico-poético da invisibilidade do mundo: “Una verdadera construcción filosófica se instituy sobre uma trama implícita de carácter poético y simbólico”⁵⁶. Também o signo da filosofia se torna símbolo, quando o sujeito que a produz se encontra no limite do mundo no lugar do narrador, tal como acontece com o profeta ou o sujeito lírico⁵⁷, destacando o passado pela memória (protologia), o futuro pela previsão

53 Trías, “Lógica del límite”, 324.

54 Trías, “Lógica del límite”, 333.

55 Trías, “Lógica del límite”, 333.

56 Trías, “Lógica del límite”, 340.

57 Trías, “Lógica del límite”, 334.

(escatologia) e o presente pela transcrição do encontro entre o sujeito situado no limite e o seu mundo (ontologia e antropologia). O pensar-dizer do filósofo não é igual ao discurso narrativo do escritor, porque pretende clarificar a dimensão simbólica, mas a conceptualização usada deixa sempre algo de inconcebível, que é a coisa em si do cerco hermético, pelo que a sua ação encerra esse paradoxo de procurar dizer e explicitar o que não pode ser dito: “Pero la exigencia del filósofo consiste en instalar-se en esa paradoja, la de construir un concepto que clarifica un núcleo del *logos* cuyo estatuto radical siempre es simbólico”⁵⁸.

A filosofia, de modo distinto da ciência, eleva-se do cerco do aparecer do mundo objetivo para o cerco limite e encontra a resistência de uma realidade que encerra algo que não pode ser conhecido nem pensado. Nessa região fronteiriça, confronta-se com ideias que Kant chamava de ideias-problema ou ideia limite: homem, Deus e mundo. Todos os conceitos que pretendam dar razão de ser, devem ser concebidos no contexto de uma ontologia do limite em que o ser se compreende como um ser em falta ou em silêncio: “Son conceptos abiertos, por consiguiente, a lo inconcebible e inconceptuable, o a lo impensable (referente de silencio)”⁵⁹. O conceito filosófico é crítico na medida em que se situa na charneira entre ele mesmo e a realidade que lhe resiste e não permite ser esclarecida de forma radical e absoluta. Mas é acrítico se ficar pelo cerco do aparecer ou se tentar reduzir o cerco do sagrado a nada. Cabe à filosofia dizer em que consiste esse núcleo resistente à clarificação, que apenas pode ser apreendido no âmbito da figura simbólica, e cabe à filosofia evidenciar o carácter paradoxal dessa evidência que não consiste no *fundamentum inconcusum* de absoluta firmeza de Descartes, mas consiste na experiência de inadequação entre o *logos* e a coisa concebível: “Debe, pues, decir qué es eso simbólico, qué es esse gozne liminar donde el *logos* se *aloja*, diciendo desde esse límite lo indecible y lo impensable”⁶⁰.

A evidência a que a filosofia chega é a da realidade paradoxal de um fundamento em falta, que é o fundamento do “ser de limite”, esse lugar simbólico da verdade e do sentido. A matriz da filosofia é dialógica, não se enclausurando em nenhum círculo especulativo ou silogístico, mas abrindo-se para o indeterminado e indefinido, método que pode ser traduzido pela imagem do módulo musical das variações cujo tema resiste, não apenas como “enigma

58 Triás, “Lógica del límite”, 339.

59 Triás, “Lógica del límite”, 341.

60 Triás, “Lógica del límite”, 341-342.

estrutural”, como refere Eugenio Trías⁶¹, mas como mistério ontológico que se manifesta na conceptualização assintótica⁶² que encerra o que não pode ser concebido: “En esa asíntota se halla, pues, el gozne que une-y-escinde el uso artístico del *logos* (literário) y el uso filosófico. Este destaca a clarificación conceptual (relativa) del núcleo simbólico del *logos*, mientras que la literatura se remite a esse núcleo simbólico (y conceptual) como trasfondo que le permite soportar y sostener una trama argumental narrativa o un uso figurativo (metafórico, metonímico) del lenguaje”⁶³.

A matriz da filosofia não é a da ciência demonstrativa, que vem de Aristóteles a Hegel, através de um raciocínio que se fundamenta numa premissa ou causa, mas é a da ciência que se expande em diálogo em torno das ideias-limite e em torno da coisa em si (Uno ou o Bem). Se a poesia deixa visível e revelado esse obscuro simbolismo que une paradoxalmente a palavra e o silêncio, o fenómeno e o nùmeno, a filosofia tem a tarefa de revelar de forma apofântica e conceptual esse núcleo simbólico fronteiro de todo o discurso reflexivo: “De esse núcleo (= x) procede todo o decir y todo o producir, tanto el filosófico como el poético y artístico, que se expande de modo dialéctico-dialógico según el módulo del principio de variación”⁶⁴.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Álvarez, Fernando Pérez-Borbujo. “El Dios del límite”. *Comprendre – revista catalana de filosofia*, vol. 15, nº2 (2013): 67-87.
- Bozal, Valeriano. *El lenguaje artístico*. Barcelona: Península, 1970.
- Bozal, Valeriano. *Estudios sobre el arte contemporáneo*, 2 vols. Madrid: Machado, 2006.
- Bozal, Valeriano. *Historia de las ideas estética y de las teorías artísticas contemporáneas*, 2 vols. Madrid: Visor, 1996.
- Castro Flórez, Fernando, “Aforismo del sábado. Consideraciones sobre “La edad del espíritu” de Eugenio Trías”. *El Urogallo - Revista literaria y cultural*, n.º 103 (Diciembre 1994): 14-16.
- Castro Flórez, Fernando. “El límite y el simbolismo”, *Lateral*, n.º 3 (Enero 1995): 35-37.

61 Trías, “Lógica del límite”, 343.

62 Leonardo Coimbra, *A Razão Experimental: Lógica e Metafísica*, in *Obras Completas*, vol. V, tomo II (Lisboa: INCM, 2009), 176.

63 Trías, “Lógica del límite”, 339-340.

64 Trías, “Lógica del límite”, 344.

- Castro Flórez, Fernando. “La estética española en el siglo XX”. In *Historia de la estética*, editado por Sergio Givone, 215-267. Tecnos: Madrid, 1990.
- Coimbra, Leonardo. *A Razão Experimental: Lógica e Metafísica*, in *Obras Completas*, vol. V, tomo II. Lisboa: INCM, 2009.
- Dimas, Samuel. “*Mythos, Logos e Mysterion*: três mundividências distintas de o homem configurar a realidade e se abeirar de Deus”. In *Verba Volant? Oralidade Escrita e memória*, 247-261. Braga: Axioma, Publicações da Faculdade de Filosofia, 2018.
- Godínez, Héctor Sevilla. “Fronteras, lógica, cercos y arte. Hacia una ética-estética del límite y la tragedia en Triás y Lukács”. *Estudio*, n.º 19 (julio-diciembre 2014): 103-115.
- Guy, Alain, *Historia de la Filosofía Española*. Barcelona: Antropos Editorial del Hombre, 1985.
- Leal, José García. “El criterio artístico. En torno a la Estética de Eugenio Triás”. *Estudios Filosóficos*, vol. 64, n.º 185 (2015): 23-34.
- Llamas Roig, Vicente. “Sendas rotas: la metafísica como fuga metafórica hacia el ser de fenómeno”. *Cauriensia* 14 (2019): 81-106.
- Martín, Jaime Vilarroig. *De la filosofía del límite al hombre como habitante de la frontera. La antropología filosófica de Eugenio Triás*. SCIO. *Revista de Filosofía*, n.º 16, (Julio de 2019): 117-143
- Martínez-Pulet, José Manuel. *Variaciones del límite, La filosofía de Eugenio Triás*. Madrid: Editorial Noesis, 2003.
- Navas, David Fernández. “Eugenio Triás e Ibn ‘Arabī: una sombra de la filosofía del límite”. *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía*, 37 (2) (2020): 203-215.
- Oliveres, Antoni Comín. *La unidad perdida del ser y el pensar: sobre la razón fronteriza de Eugenio Triás*. Barcelona: Cristianisme i justícia, 2000.
- Pérez Borbujo, Fernando. *La otra orilla de la belleza: En torno al pensamiento de Eugenio Triás*. Barcelona: Herder Editorial, 2005.
- Rahner, Karl. “Para una teología del símbolo. *Escritos de Teología* IV. Madrid: Ediciones Taurus, 1965.
- Rosal, Fernando Infante del. “Las tres estéticas y el límite”. *Estudios Filosóficos*, vol. 64, n.º 185 (2015): 35-48.
- Ruiz de Samaniego, Alberto, “Eugenio Triás: La filosofía encarnada”, in *El Urogallo - Revista literaria y cultural*, n.º 103 (Diciembre 1994): 20-25.
- Segade, Carlos. “El ser limítrofe: una aproximación al concepto de persona en la filosofía de Eugenio Triás”. *Quién: revista de filosofía personalista*, n.º 6 (2017): 101-116.
- Triás, Eugenio. “Pensar la Religión”, *Creaciones filosófica II - Eugenio Triás, Filosofía y Religión*. Barcelona: Círculo de Lectores, 2009.
- Triás, Eugenio. “La existencia y la condición fronteriza”. *Revista de Occidente*, n.º 204, (1998): 89-101.

- Trías, Eugenio. “Lógica del límite”. *Creaciones filosófica I - Eugenio Trías, Ética y Estética*. Barcelona: Círculo de Lectores, 2009.
- Trías, Eugenio. *Ciudad sobre ciudad*. Barcelona: Ediciones Destino S. A., 2001.
- Trías, Eugenio. *Ética y condición humana*. Barcelona: Península, 2003.
- Trías, Eugenio. *Filosofía y Carnaval y otros textos afines*. Barcelona: Anagrama, 1984.
- Trías, Eugenio. *La filosofía y su sombra*. Barcelona: Seix-Barral, 1983.
- Trías, Eugenio. *La aventura filosófica*. Madrid: Mondori-España, 1988.
- Trías, Eugenio. *La edad del espíritu*. Barcelona: Ediciones Destino S. A., 2000.
- Trías, Eugenio. *La razón fronteriza*. Barcelona: Ediciones Destino S.A., 1999.
- Trías, Eugenio. *Lógica del Límite*. Barcelona, Ediciones Destino S. A., 1991.
- Trías, Eugenio. *Los límites del mundo*. Barcelona: Ediciones Destino S. A, 2000.
- Trías, Eugenio. *Metodología del pensamiento mágico*. Barcelona: Edhasa, 1970.
- Trías, Eugenio. *O belo e o sinistro*. Lisboa: Fim de Século, 2005.
- Trías, Eugenio. *Pensar la religión*. Barcelona: Ediciones Destino S. A., 1997.
- Trías, Eugenio. *Tratado de la pasión*. Barcelona: Grijalbo Mondadori, 1988.
- Vilar, Gerard, “La estética en España después de la transición”. *Revista Internacional de Filosofía*, nº 50, (2010): 179-189.
- Vilar, Gerard. “La aporía estética: arte, límite y verdad en E. Trías”. *Estudios Filosóficos*, Vol. 64, n.º 185 (2015): 7-22.
- Zambrano, María. *El Hombre y lo Divino*. Madrid, Fundo de Cultura Económica, 2005.

Samuel Dimas
Faculdade de Ciências Humanas
Universidade Católica Portuguesa
Palma de Cima
1649-023, Lisboa (Portugal)
<https://orcid.org/0000-0002-0968-3616>